

Mais*

COM O ESVAZIAMENTO DE UM DOS PRINCIPAIS PONTOS TURÍSTICOS, AS CONTAS VÃO DE MAL A PIOR



ARISSON MARINHO

Com o fim do verão, ruas desertas são uma constante no Centro Histórico; quem vive e trabalha ali reclama da falta de segurança

SSP diz que atua com 'grande aparato de policiais'

A Secretaria Estadual de Segurança Pública (SSP) informou, em nota, que o Pelourinho e o Centro Histórico de Salvador possuem um grande aparato de forças policiais. "Na região, existe o 18º Batalhão da Polícia Militar, com efetivos distribuídos a pé e também em viaturas (Bases Móveis do tipo van, carros convencionais e motocicletas), além da Delegacia de Proteção ao Turista (Deltur)". Nos principais pontos, a SSP diz que há também o Sistema de Reconhecimento Facial, impedindo a circulação de criminosos foragidos da Justiça.

"A SSP destaca que ações diárias são realizadas na região, resultando, na maioria delas, em apreensões de adolescentes, que cometem furtos e roubos. Esses criminosos, no mesmo dia, são liberados, como determina a legislação, e retornam à região, certos da impunidade", continua a nota.

Ainda de acordo com a SSP, a atuação da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SecultBa) se dá na dinamização dos espaços culturais do estado localizados no Pelourinho. "A SSP afirma que os largos, museus e ações culturais apoiadas pela SecultBa, como os largos Pedro Archanjo, Tereza Batista e Quincas Berro D'Água, estão funcionando plenamente, com a realização de atividades semanais."

A Polícia Militar reforçou que "o patrulhamento no Pelourinho/ Centro Histórico de Salvador é desempenhado pelo 18º Batalhão, que emprega policiais, base móvel e viaturas, com o reforço de guarnições da Companhia Independente de Policiamento Tático (CIPT) Rondespz BTS e de unidades especializadas da PM, a exemplo do Batalhão Especializado de Polícia Turística (Beptur)". A PM informou ainda que realiza rondas de caráter preventivo, que levam em consideração o número de acionamentos e ocorrências registradas.

Sobre a ação dos ambulantes, a Secretaria Municipal de Ordem Pública (Semop) já promoveu uma ação com o objetivo de coibir abusos contra visitantes e moradores. A pasta também fez o ordenamento dos trabalhadores do mercado informal.

COLABOROU RAQUEL BRITO

O Pelourinho não é mais aquele

Violência Comerciantes denunciam descaso, demitem funcionários e fecham as portas

Wendel de Novais

REPORTAGEM
wendel.novais@redebahia.com.br

Quem nunca ouviu falar da 'Terça da Benção' no Pelourinho? A tradição, que tinha o costume de encher as ruas do Centro Histórico de Salvador mesmo em dia de semana, agora está esvaziada. Esse esvaziamento de um dos maiores símbolos de movimentação cultural da área engrossa o caldo de um fenômeno mais amplo, e os motivos apontados pelos comerciantes são a falta de segurança e a ausência de agenda permanente de eventos fora da alta estação.

Sem gente, quem trabalha no Pelô vê as contas irem de mal a pior, precisa demitir boa parte dos funcionários e até fechar o estabelecimento. "Não tem gente, lojas estão fechadas, bares também", descreve Paulo Rogério Nunes, que é empresário no Pelô.

O caso mais recente de violência foi o assalto a dois turistas da Romênia no sábado (22) agredidos enquanto visitavam o Centro Histórico (leia mais na página 5). Depois do episódio, o

ator baiano Érico Brás lamentou a situação do local, onde mantém o restaurante Ó Paí Ó: "Chorei pelo estado que está esse lugar chamado Pelourinho. Largado, abandonado, sujo, sem segurança e vítima da ausência absoluta da PM e da vontade política de resolver os problemas desse Centro Histórico tão benquisto pelo Brasil", escreveu ele, no Instagram.

O proprietário do Casarão 17, Leonardo Régis, que mantém o seu comércio também no Terreiro de Jesus, não sabe dizer quantos, mas explica que diversos pontos comerciais da área já fecharam. Além disso, Leonardo conta que é um dos que precisaram fazer adaptações para seguir funcionando no Pelourinho.

"A gente precisou reduzir o quadro de funcionários em 40%, assim como também o tempo de funcionamento. Antes, íamos até as 23h, agora só até as 17h. Não tem uma movimentação econômica que sustente uma equipe maior. A gente segura no braço quem permanece, porque não é fácil", fala ele.

FALHAS

Além da falta de movimentação, deixar o ponto aberto até mais tarde é uma situação de risco. Um empresário que coordena duas lojas no local e prefere não se identificar diz que, antes, fechava às 21h. Pelos episódios de furtos e assaltos que viu até contra seus colaboradores, precisou ir reduzindo até chegar às 18h.

"Os furtos são constantes, e a segurança também é falha. Tem dias que só tem um policial em certos horários, e

às vezes, nenhum. Funcionários são ameaçados dentro do estabelecimento, roubados nos pontos de ônibus, onde não existe nenhuma segurança", afirma ele, que reclama também das abordagens, muitas vezes agressivas, de pintores tribais e ambulantes que afugentam os visitantes.

Presidente da Associação do Centro Histórico Empreendedor (Ache), José Iglesias Garcia, proprietário do Restaurante Cuco e da pousada Solar dos Deuses, diz que, por conta da situação, moradores, colaboradores e empresários organizam um ato pacífico para protestar contra o descaso com o Pelô no próximo dia 8 de maio.

"Não é normal. Estamos falando do principal atrativo que essa cidade tem. Há uma quantidade enorme de problemas que a gente precisa lidar, seja de segurança, de eventos, de abertura de pontos importantes como o Elevador Lacerda que fecha cedo e os funcionários não conseguem pegar", afirma.

"Precisamos de um plano que apoie o funcionamento do Pelourinho também na baixa estação, seja em eventos, seguranças e até a execução de eventos das secretarias no Centro Histórico. Por que fazer isso no Rio Vermelho, Barra e Pituba? São bairros que já têm movimento. O Pelourinho pode receber, tem espaços para isso", sugere o empresário Paulo Rogério Nunes.

No sábado, as assessorias das secretarias de Cultura do estado da Bahia e do município de Salvador não retornaram à reportagem.

Os furtos são constantes, e a segurança também é falha. Tem dias que só tem um policial e, às vezes, nenhum. Nenhum empresário Sem se identificar